



**UNIVERSIDADE FEDERAL CARIRI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO - PROEN
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

MARIO IDENYO LOPES DE SOUZA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: UM OLHAR SOBRE OS
ESTUDANTES NEGROS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFCA
2011/2012**

JUAZEIRO DO NORTE

2015

MARIO IDENYO LOPES DE SOUZA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: UM OLHAR SOBRE OS ESTUDANTES
NEGROS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFCA 2011/2012

Monografia apresentada ao Curso de
Biblioteconomia da Universidade Federal do
Cariri, como requisito parcial para obtenção do
Título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Cleide Rodrigues
Bernardino

Co-Orientadora: Prof^ª Dr^ª Joselina da Silva

JUAZEIRO DO NORTE

2015

Ficha catalográfica

S719b Souza, Mário Idênyo Lopes de.

A construção da identidade: um olhar sobre os estudantes negros do Curso de Biblioteconomia da UFCA 2011-2012./ por Mário Idênyo Lopes de Souza – 2015.
46p. il.

Orientadora: Prof^a Dr^a Dr^a. Maria Cleide Rodrigues Bernardino

Co-Orientadora: Prof^a. Dr^a. Joselina da Silva

Cópia de computador (*printout*)

Monografia (Graduação)– Universidade Federal do Cariri, Curso de Biblioteconomia, Juazeiro do Norte, 2015.

1. Identidade Racial. 2. Identidade Negra. 3. Estudantes Negros - Biblioteconomia. I. Bernardino, Maria Cleide Rodrigues (Orient.). II. Silva, Joselina da (Co-Orient.) II. Universidade Federal do Cariri – Curso de Biblioteconomia. III. Título.

CDD: 305.896

MARIO IDENYO LOPES DE SOUZA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: UM OLHAR SOBRE OS ESTUDANTES
NEGROS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFCA 2011-2012

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Maria Cleide Rodrigues Bernardino
Universidade Federal do Cariri (UFCA)
Orientadora

Profª Drª Joselina da Silva
Universidade Federal do Cariri (UFCA)
Examinador

Prof. Dr. Jonathas Luiz Carvalho Silva
Universidade Federal do Cariri (UFCA)
Examinador

Profª. Ma. Irma Gracielle Carvalho de Oliveira Souza
Universidade Federal do Cariri (UFCA)
Suplente



À Deus que me concedeu a luz da vida e da sabedoria para realizar esse trabalho.
Aos meus familiares que foram a base para me sustentar nos momentos difíceis, como também para me incentivar.
A minha noiva que me apoiou e incentivou a concluir o ensino superior.



AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Prof^ª Dr^ª Maria Cleide Rodrigues Bernardino, meus singelos agradecimentos.

Assim como a minha co-orientadora Prof^ª Dr^ª Joselina da Silva por ter me apoiado. Aos alunos que responderam aos questionários. E a todos que indiretamente contribuíram com esse trabalho.

RESUMO

Nessa pesquisa procuramos discutir a identidade que os sujeitos têm de si mesmo, buscando compreender se há ou não controvérsias em relação à cor atribuída e a declarada dentro da Universidade. Investigar a influências da Universidade na construção da identidade racial dos alunos do curso; e identificar possíveis conflitos em cada semestre, objetivando investigar as influências no âmbito acadêmico com o decorrer do tempo. Diante da representação construída no estado do Ceará, da não existência de população negra, a construção da identidade é fator primordial para a valorização da cultura afro-brasileira. Desenvolvemos nesta pesquisa as questões relacionadas à construção da identidade etnicorracial no âmbito do curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri. Foram aplicados 24 questionários. A escolha dos alunos para que recebessem os questionários, deu-se por hetero identificação - (ou seja, o aluno pesquisador) auto identificado como negro - distribuiu-se os referidos questionários aos alunos, por ele percebidos como afrodescendentes. Os questionários foram entregues a todos os alunos identificados como negros. Todos foram informados sobre o objetivo geral da pesquisa sem, contudo, serem anunciadas a sua pertença racial. A escolha dos respondentes ao questionário deu-se de forma que contemplasse estudantes em diversos períodos do curso. Esta pesquisa tem como objetivo identificar o auto reconhecimento identitário dos alunos, bem como verificar se a universidade influencia nesse processo e em que níveis se dá esta ocorrência. Nesse sentido, buscamos compreender como se desenvolve o cotidiano das relações raciais para este contingente de alunos e qual tratamento adotado pela universidade com relação aos mesmos. No processo de análise dos questionários, todos os participantes declararam sua etnia de acordo com o IBGE. Todos foram unânimes em reconhecer a existência do racismo no Brasil. Diante destas informações, verificar se a influência da Universidade no processo de construção identitária, no intuito de contribuir para a desconstrução do racismo no âmbito acadêmico.

Palavras-Chave: Identidade Negra. Identidade racial. Construção Identitária. Biblioteconomia.

ABSTRACT

In this research we seek to discuss the identity of the subjects have of themselves, trying to understand whether there is controversy regarding the assigned color and declared within the University. To investigate the influence of the University in the construction of racial identity of the course students; and identify conflicts in each semester, aiming to investigate the influences on the academic level with the passage of time. Due to the representation built in the state of Ceará and to the non existence of negro population, the construction of the identity is a key factor to the valorization of Afro-Brazilian culture. It is developed in this research, the questions that are related to the construction of the racial-ethnic identity, within the degree in Librarianship in the Federal University of Cariri. It was applied twenty-four questionnaire. The student's choice for receiving the questionnaires, happened by straight identification – (that means the student, researcher) self identified black – distributing these questionnaires to the students, noted, by themselves, as afro-descent. The questionnaires were delivered to all students identified as black people. All of them were informed about the general goals of the research, however, not being announced its racial status. The choice of the people who answered the questionnaire happened in a way to make possible to include students from several semesters of the course. This research has as the main goal, identify the self identity recognition by the part of the students, moreover, verify if the university has an influence in this process, and in which levels this may occur. This way, we aim to establish how the everyday life of the racial relations to these students is developed and which treatment is adopted by the university over them. In the process of analysis of the questionnaires, all the ones involved declared that their ethnical membership according to the IBGE. All of them were at one in recognizing the existence of racism in Brazil. Facing these information, it is hoped in this investigation, verify the influence of the university in the process of identical construction and latter, include this study and to the other courses in the UFCA, with the aim of contributing to the deconstruction of racism in the academic scope. Our goal is to amplify the application of the questionnaires in a universe of at least ten per cent of the students of the course.

Key-words: Nero-identity. Racial identity. Identity Construction. Librarianship.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 -	Quantidade de alunos negros entrevistados.....	30
TABELA 2 -	Quantidade de alunos que se identificam negros.....	31
TABELA 3 -	Existência de Brincadeiras relacionadas a cor entre alunos.....	31
TABELA 4 -	Tratamento diferenciado por professores por causa da cor.....	32
TABELA 5 -	Existência de Brincadeiras relacionadas a cor com mulheres e homens por funcionários	32
TABELA 6 -	Identidade racial mudou após o ingresso à Universidade.....	33
TABELA 7 -	Existência e a quantidade de professores negros no Curso de Biblioteconomia	34
TABELA 8 -	Existência e a quantidade de alunos negros na turma	34
TABELA 9 -	Existência e a quantidade de alunos negros no curso.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
N'BLAC	Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais
UFCA	Universidade Federal do Cariri
UFC	Universidade Federal do Ceará

LISTA DE SIMBOLOS

<	Menor Que
>	Maior Que
≤	Menor Ou Igual
≥	Maior Ou Igual

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFLEXÃO SOBRE A IDENTIDADE NEGRA NA UNIVERSIDADE	13
3 IDENTIDADE NEGRA NO MEIO UNIVERSITARIO	21
3.1 ACONTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA: CONTRIBUIÇÃO PARA A BIBLIOTECONOMIA	25
4 METODOLOGIA	26
5 ANALISE DOS DADOS	30
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE	40

1 INTRODUÇÃO

Historicamente as instituições de ensino superior não pertencem aos espaços das relações que socialmente foram reservadas aos negros, por ser produtora de conhecimento torna-se um espaço de poder, onde tende a ser uma realidade opressora. Além do sentimento de identidade e essencial análise mais profunda sobre o significado da entrada do negro no ensino superior e sua permanência.

Com o intuito de diminuir as diferenças regionais de oportunidades de ensino superior foi construído um campus aonde viria a pertencer o curso de biblioteconomia da UFC, o mesmo foi inaugurado em 16 de setembro de 2006, a cidade escolhida foi Juazeiro do Norte –CE, por ter a maior população da região do cariri na época, permanecendo até os dias atuais.

A mudança para UFCA ocorreu em 2013, através da Lei Federal nº 12.826, de 5 de junho de 2013. No entanto, quando até então ainda era campus da UFC o curso já possuía notoriedade devido à sua produção científica. Entendemos que a qualificação dos professores influencia diretamente na visão e na qualidade do ensino. Os professores do referido curso possuem especializações diversas, mestrado, doutorado e pós-doutorados.

Neste sentido, nós voltamos para entender uma parte relevante do perfil dos alunos. Este estudo possui o interesse de compreender a identidade racial dos estudantes negros de biblioteconomia, procuramos saber como esses estudantes se veem, qual a visão do ambiente acadêmico e como são tratados mediante sua raça. Todas essas dúvidas motivaram o surgimento desse estudo.

A pesquisa foi idealizada durante o III Curso de Extensão Iniciativas Negras: Trocando experiências, no ano de 2011. O evento foi realizado na época no campus da Universidade Federal do Ceará, na cidade de Juazeiro do Norte, entre os dias 4 e 14 de outubro de 2011.

Diante de tudo o que já foi exposto, a ideia da pesquisa foi trabalhada dentro do grupo de estudos, com pesquisa bibliográfica, aplicação de questionário com parceria dos integrantes do Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais (N'BLAC) a fim de obter rapidez e mais abrangência dos semestres dentro do período da pesquisa, que foi novembro de 2011 a dezembro de 2013.

A elaboração e a aplicação dos questionários ocorreram durante o período já citado porém análise se realizou até dezembro 2013. Foram contemplados os alunos do segundo, terceiro, quarto, quinto, sétimo e oitavo semestre.

Quanto mais debates ressaltando o tema dos grupos historicamente discriminados, por exemplo o movimento feminista, movimento negro, mais as suas vozes serão ouvidas pela sociedade. No Brasil identificar-se negro ainda é difícil, devido a negatividade relacionada a essa raça. Neste sentido, buscou-se compreender como esse determinado grupo de alunos identificaram-se racialmente.

Com um ambiente excelente para expor e fazer surgir novas pesquisas, o III Curso de Extensão Iniciativas Negras: trocando experiências foi realizado segundo Joselina da Silva (ADMINISTRAÇÃO..., 2011, p. 1) com objetivo de:

Capacitar e formar teórica e tecnicamente estudiosos (as) e ativistas dos movimentos sociais que atuam na área do combate ao racismo e ao sexismo, buscando contribuir para a instrumentalização de agentes sociais que possam operar em projetos de intervenção e mudança social. Propiciar uma maior aproximação entre pesquisadores (as), acadêmica (as) e ativista dos movimentos sociais negros em âmbito nacional, estimulando uma troca de saberes.

Naquele evento ficou constatada a preocupação em diferentes regiões do Brasil com o negro em vários aspectos e campos da sociedade. Ali, percebemos a carência de informação sobre os estudantes universitários negros na UFCA. Tendo em vista que na região não tínhamos conhecimento de trabalhos desenvolvidos ou estudos que procurassem saber a identificação racial desses estudantes universitários e como o meio acadêmico recebia-os.

O curso de extensão iniciativas negras foi organizado pelo Núcleo Brasileiro Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gêneros e Movimentos Sociais (N^oBLAC) foi implantado no segundo semestre do ano de 2006, dentro do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC) / Campus Cariri. A definição do grupo e apresentada pela idealizadora Joselina da Silva (ADMINISTRAÇÃO..., 2011, p. 1) como:

Um espaço acadêmico especializado em estudos de relações raciais e suas interações com gênero, educação, culturas, identidades, desigualdades sociais, políticas públicas e movimentos sociais. Buscamos contribuir com a formação de pesquisadores nos diversos níveis. Nos propomos também a colaborar para a capacitação de educadores e ativistas dos movimentos sociais, voltados para aquelas temáticas”.

O desenvolvimento de produções acadêmicas voltadas para a população afrodescendentes e sua participação agregando conhecimentos multidisciplinares assim como das novas tecnologias da informação. O grupo possui relações com outros cursos e instituições

com intuito de manter e refletir sobre a situação dos negros em outros estados e universidades (ADMINISTRAÇÃO..., 2011, p. 1) como:

Nosso olhar se debruça prioritariamente sobre Relações raciais voltadas para os aspectos sócio-culturais e históricos dos afro-descendentes. As diversidades regionais nas construções de gênero e raça. Teoria e praxis dos movimentos sociais que abordem os recortes de gênero e raça, na região nordeste e suas fronteiras. Os estados-nação e suas correlações analíticas sobre as identidades plurais.

O objetivo geral é discutir a identidade que os sujeitos têm de si mesmo, buscando compreender se há ou não controvérsias em relação à cor atribuída e a declarada dentro da Universidade.

E os objetivos específicos são: investigar a influências da Universidade na construção da identidade racial dos alunos do curso; e identificar possíveis conflitos em cada semestre, objetivando investigar as influências no âmbito acadêmico com o decorrer do tempo.

2 REFLEXÃO SOBRE A IDENTIDADE NEGRA NA UNIVERSIDADE

A literatura é vasta quando aborda o tema identidade, por isso procuramos autores que possuam definições que dialoguem com a pesquisa em questão. De acordo com Munanga (1996, p.177) “a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades”. Podemos constatar que esse é um tema cheio de controvérsias e passível de interpretações, pois ele está presente em tudo que fazemos. Munanga (1996, p. 177-178) afirma que:

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc.

Assim podemos entender que a identidade é algo em constante transformação. “Um mesmo indivíduo pode ser percebido e classificado racialmente de modo diferente de uns pais para o outro, de uma de uma região para outra. E também por variáveis socioeconômicas” (D’ADESKY, 2001, p. 134).

Fica claro que muitos autores concordam que a identidade é algo que se transforma, e sofre influências diversas, assim como diz o autor Gomes (2005, p. 41)

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares, tradições populares e referências civilizatórias que marcam a condição humana.

De acordo com o autor podemos entender que a classificação pela cor é muito relativa, depende das significações do indivíduo, sofrendo influências do meio em que está inserido. Um indivíduo pode ter uma definição de raça devido ao seu tom de pele e sua condição social. Mas, saindo de sua região pode ser classificado em outra. A raça e algo que vai muito além do fenótipo podem ser definidas como:

A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas - cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. - como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro (HALL, 2002, p. 63).

Dessa forma os estudantes podem ter uma identidade atribuída antes do ingresso na universidade e se defrontar com outra após. Pois o ambiente com o qual coexiste influencia no seu pensamento, se antes de adentrar na universidade ele convive com pessoas que não lhe identificam como negro, logo ele também não irá identifica-se como tal, porém após deparasse com outra realidade onde no local em que está inserido seja identificado como negro após algum tempo a sua identidade racial pode vir a ser modificada. Segundo Oliveira (2004, p.57):

Identidade racial/étnica é o sentimento de pertencimento a um grupo racial ou étnico, decorrente de construção social, cultural e política. Ou seja, tem a ver com a história de vida (socialização/educação) e a consciência adquirida diante das prescrições sociais raciais ou étnicas, racistas ou não, de uma dada cultura.

A questão da identidade também está intimamente ligada ao acesso de vários direitos que podem ser negados por causa da discriminação a identidade assumida, o que acarreta estagnação social a qualquer grupo que sofra desse mal. A discriminação em relação ao tratamento e um dos fatos mais prejudiciais à comunidade negra em todos os aspectos.

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes,

descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (HALL, 2002, p.21).

Dessa forma, podemos compreender também que as identidades estão sempre em constantes transformações e que uma pessoa pode ter várias identidades “Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2002, p.38).

As conexões do “eu” interior com o mundo exterior molda a nossa visão, tendo em vista isso o autor complementa dizendo:

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL,2002, p.39).

Assumir uma identidade comum a um grupo pode levá-lo ser excluído dos demais, devido tal identidade, em que onde as pessoas de uma raça ou etnia são excluídos ou separados por aquilo que são. Esse ideal que diz onde cada um deve viver e como se comportar, o que pode comer entre outras coisas. As escolhas que fazemos mesmo inconscientemente, podem ser influenciadas pelo grupo dominante, fato esse que ocorre comprovadamente no Brasil. Em outros países foram aplicadas de fato, uma política de discriminação direta.

O sujeito assume identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identidades estão sendo coercitivamente deslocadas [...] a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente e uma fantasia (HALL, 2002, p. 13).

O sistema educacional é muito seletivo o que aprofunda a desigualdade de acesso às oportunidades educacionais. A imagem negra repassada dentro dos centros educacionais em muitos casos ainda está baseada em histórias de negros escravizados ou mortos buscando a liberdade, com pouca tendência a se basear na proximidade com a África ou com a cultura de base africana.

A questão da identidade está intimamente ligada ao racismo, onde encontramos as raízes de tanta desigualdade entre brancos e negros. A identidade e o racismo não são fenômenos estáticos. Eles se renovam, se reestruturam e mudam de fisionomia, de acordo com a evolução das sociedades, das conjunturas históricas e dos interesses dos grupos (MUNANGA, 1996 p.17).

Assim acontece em vários espaços sociais de forma consciente ou velada. O racismo que o estudante sente ao entrar na escola, ao procurar emprego, assim para fugir dessa discriminação ele nega sua negritude procurando também acender socialmente. “As expressões *'pardo'*, *'escuro'* e *'moreno'* são utilizadas por alguns para indicar o desejo de ascensão social; o termo *'preto'* é usado por aqueles que aparecem aceitar uma certa imobilidade social” (SANSONE, 2003, p. 72).

Existe dificuldade dos negros em assumir a cor preta e muitos escolhem ser incluídos no contingente dos pardos o que seria uma forma intermediária. Há diferença no tratamento para pretos e pardos: quanto mais escuro, mais discriminado.

A democracia racial se torna um mito, a negação da diferença é absurda, o Brasil ainda necessita caminhar muito nessa direção. Assim surge com intuito de diminuir o abismo entre brancos e pretos as ações afirmativas para tentar equilibrar essa balança, que há a tanto tempo pende apenas para um lado. O sistema educacional no Brasil reflete essas características, sem haver políticas eficientes para ajudar as minorias, a preocupação do estado com quantidades é bem maior em relação a qualidade, deixando de refletir sobre o ser que está sendo representado pelo número.

A cor da pele ou ancestralidade parece ser a principal marca étnica em países com grandes populações tanto de origem europeia como africana. A distinção étnica baseada na ancestralidade e na cor da pele é maior em outros países como os Estados Unidos por causa dos sistemas de castas sociais que legalmente segregaram brancos e negros.

Dentro desse contexto está intrínseco o racismo, entendido como uma forma de segregação explícita ou velada, entretanto, o discurso de igualdade é debatido e difundido em vários meios de comunicação criando uma aura de democracia racial. Por meio dessa pesquisa reunimos informações que comprovam a necessidade de se voltarem políticas para esse contingente de estudantes. A construção de uma identidade própria do ponto de vista mais político é defendida por Munanga (1996, p. 23):

De outro modo, defendo ideia da busca e da construção de uma identidade Afro-Brasileiro do ponto de vista político e não cultural, no sentido de tomada de consciência de sua condição de um segmento étnico-racial excluído da participação na sociedade que contribuiu economicamente, com trabalho gratuito como escravo e também culturalmente em todos os tempos na história do Brasil.

Para que possamos enxergar o racismo e promover uma reflexão sobre as influências e suas causas nos estudantes no âmbito acadêmico e da sociedade. Dessa forma Munanga (2004 p.24) definiu racismo como:

O racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo à qual ele pertence.

O número de pardos aumentou e o número de brancos diminuiu, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010. O percentual de pardos cresceu de 38,5%, no Censo de 2000, para 43,1% (82 milhões de pessoas) em 2010. A proporção de pretos também subiu de 6,2% para 7,6% (15 milhões) no mesmo período. Por outro lado, enquanto mais da metade da população (53,7%) se autodeclarava branca na pesquisa feita dez anos antes, em 2010 esse percentual caiu para 47,7% (91 milhões de brasileiros).

O IBGE trata os pardos como pessoas negras, mas como foi detectado nessas pesquisas eles ainda não possuem esse pensamento em sua maioria.

Mesmo os negros com renda elevada, a condição financeira não faz desaparecer o preconceito. O qual está relacionado com sua cor e não a condição financeira. Podemos assim entender que a discriminação ocorre duas vezes para o negro pobre. Colocando esses negros em uma posição de inferioridade, negatizando a identificação negra. Dessa forma Santos (2014, p. 168) diz:

Negros e negras, mesmo os de nível social e econômico privilegiada, continuam sendo atingidos por apresentarem uma marca étnica, que é considerada e reconhecida como negativa e inferiorizam-te. As marcas (estigmas) e os estereótipos (ideias) sobre a identidade negra acabam por fundamentar e justificar a existência do preconceito racial (juízo de valor sobre o negro) na sociedade brasileira, que sua vez acaba por delimitar o espaço social dos negros no Brasil, normalmente de inferioridade.

A resposta sobre as indagações sobre as cotas não serem para pessoas de baixa renda, é que essas cotas não iriam surtir o efeito desejado, se assim fossem implantadas. O problema não é simples, pois está enraizado. O racismo que diferencia negros pobres e negros não pobres. A negação da existência desse fato é uma forma de violência. A importância da atenção ao estudante negro para potencializar sua identificação como negro. Loureiro (2004, p. 202) afirma que:

A invisibilidade social a que estão submetidas as pessoas negras e sua cultura é uma violência. É uma agressão que fere a pessoa negra em todas as suas dimensões: ataca a sua imagem física, causa conflitos em seu processo de identificação, gera ambivalências de sentimentos, trazendo prejuízos para esses grupos e para a sociedade como um todo.

O preconceito surge geralmente com sentido negativo, pois de forma imposta atribuem sempre características negativas quando trazemos para a questão racial o negro e imaginado com características ruins, preguiçoso, desonesto entre outros. Assim o conceito de preconceito e também uma generalização superficial. Sant'Ana (2001, p. 54) diz que o preconceito é :

[...] uma opinião preestabelecida, que é imposta pelo meio, época e educação. Ele regula as relações de uma pessoa com a sociedade. Ao regular, ele permeia toda a sociedade, tornando-a uma espécie de mediador de todas as relações humanas.

As respostas obtidas nos questionários com relação a brincadeiras de cunho racista, conforme poderemos observar no capítulo de análise dos dados, são consideradas uma forma de violência. Loureiro (2004, p. 202) destaca que:

A forma como a nossa sociedade se organiza, o preconceito étnico-racial existente contra o afrodescendente, submetem as pessoas estigmatizadas a uma violência psicológica, no âmbito da sociedade mais ampla. Consideramos uma violência psicológica a atribuição de atributos negativos a um grupo étnico-racial ou a uma pessoa, dificultando a identificação das pessoas discriminadas com seu grupo de pertencimento.

As políticas públicas como PROUNI, FIES, SISU, são formas que o governo encontrou de amenizar os danos a população menos favorecidas e mais especificamente as cotas que procuram inserir cada vez mais um determinado grupo em outro, como e o caso dos estudantes negros interessados na universidade. Loureiro (2004, p. 202) expõe:

A população negra, de modo particular, em virtude de uma maior visibilização e ampliação de sua participação na estrutura social, é receptora da atenção do governo brasileiro que, ao implementar ações focais que atendem suas necessidades e demandas, busca reduzir e eliminar as desigualdades sociais existentes e que submetem a maioria de sua população (que é negra e encontra-se em situação de desvantagem em diferentes espaços sociais – saúde, renda, educação, trabalho), se comparada à população não negra brasileira.

Suas relações com o outro e consigo depende de como ele se vê. A identificação do estudante negro e importante para a sua vida acadêmica e profissional, saber que o meio acadêmico e o mercado de trabalho são espaços que também os pertence de forma igual aos demais, sem obrigações de cargos ou profissões a serem seguidas. Santos (2014, p. 84) diz:

A (re)construção (e aceitação) de uma identidade negra positiva é fundamental para que possam ser realizadas importantes transformações na

realidade da população negra do Brasil. É a partir do fortalecimento desta identidade (negra) pelos negros, desprezando a ideologia racista dominante que o vê como inferior, incapaz, e do seu reconhecimento pelo conjunto da sociedade, por meio de ações afirmativas, será possível a efetivação de ações de reparação/redistribuição e a valorização da negritude em contraponto à branquitude, reivindicando assim o direito a um espaço na estrutura social, econômica, cultural e educacional, da sociedade brasileira.

A função do conceito e da classificação relacionados respectivamente de raça e diversidade humana teria sido mais eficaz se não tivesse sido usada para distorcer a realidade assim como oprimir e hierarquizar, sobrepondo o branco ao negro.

Munanga (2000, p. 2), afirma que,

Os conceitos e as classificações servem de ferramentas para operacionalizar o pensamento. É neste sentido que o conceito de raça e a classificação da diversidade humana em raças teriam servido. Infelizmente, desembocaram numa operação de hierarquização que pavimentou o caminho do racismo.

Onde um indivíduo é julgado por ter a pele escura, ou seja, com mais melanina, está mais propício a sofrer com a negatividade criada para a raça negra. Algo inaceitável para uma sociedade que prega a inexistência do racismo. Munanga (2000, p. 3) conclui que,

A cor da pele foi considerada como um critério fundamental e divisor d'água entre as chamadas raças. Por isso, que a espécie humana ficou dividida em três raças estancas que resistem até hoje no imaginário coletivo e na terminologia científica: raça branca, negra e amarela.

Os estudos mais relevantes em biologia confirmaram que não se aplica aos seres humanos o termo raça, para explicar a diferença entre os brancos e negros ou amarelos. A diferença genética é insignificante, segundo Munanga (2000, p. 4). Os estudiosos desse campo de conhecimento chegaram à conclusão de que a raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito. Aliás cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estancas. Ou seja, biológica e cientificamente, as raças não existem.

O termo raça infelizmente não foi bem empregado quando passou a tratar do homem, criou uma hierarquia, onde o primeiro recebeu apenas qualidades boas e o segundo as características ruins. A raça branca foi imposta a dominar as outras. Fato esse que reflete no modo de viver até hoje onde o padrão é ditado pelo grupo dos brancos dado ou imposto. Para Munanga (2000, p. 5),

Assim, os indivíduos da raça “branca”, foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio

(dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. que segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra mais escura de todas e conseqüentemente considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e portanto a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação.

A cor da pele no Brasil diz a qual raça ele pertence, em outros países também é considerada a origem como, por exemplo, nos Estados Unidos. Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, etc (MUNANGA, 2000). O motivo de ainda ser usado o termo “raça” é por que é considerada como uma categoria de características morfológicas, no entanto, sabidamente não se aplica aos seres humanos, pois as características genéticas diferentes são irrelevantes. Segundo Munanga (2000, p. 6),

O conceito persiste tanto no uso popular como em trabalhos e estudos produzidos na área das ciências sociais. Estes, embora concordem com as conclusões da atual Biologia Humana sobre a inexistência científica da raça e a inoperacionalidade do próprio conceito, eles justificam o uso do conceito como realidade social e política, considerando a raça como uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão.

Os caminhos a serem seguidos para desenvolver a sociedade é promover a igualdade respeitando a diversidade de cada um. A universidade pode promover a igualdade valorizando a diversidade étnica dos seus estudantes. Pautados na formação mais humana dos seus discentes. Segundo Munanga (2000, p. 7).

Uma sociedade que deseja maximizar as vantagens da diversidade genética de seus membros deve ser igualitária, isto é, oferecer aos diferentes indivíduos a possibilidade de escolher entre caminhos, meios e modos de vida diversos, de acordo com as disposições naturais de cada um. A igualdade supõe também o respeito do indivíduo naquilo que tem de único, como a diversidade étnica e cultural e o reconhecimento do direito que tem toda pessoa e toda cultura de cultivar sua especificidade, pois fazendo isso, elas contribuem a enriquecer a diversidade cultural geral da humanidade.

Ressaltar as diferenças do negro com o branco é um caminho frágil tendo em vista que pode surtir o efeito da separação dos demais. O autor relata que em outros países a política da diferença causa a reivindicação da defesa da cultura local, motivo que leva a separação com os outros povos. Segundo Munanga (2000, p. 11).

O racismo construído com base nas diferenças culturais e identitárias. Devemos, portanto, observar um grande paradoxo a partir dessa nova forma de racismo: racistas e anti-racistas carregam a mesma bandeira baseada no respeito das diferenças culturais e na construção de uma política multiculturalista. Se por um lado, os movimentos negros exigem o reconhecimento público de sua identidade para a construção de uma nova imagem positiva que possa lhe devolver, entre outro, a sua auto-estima rasgada pela alienação racial, os partidos e movimentos de extrema direita na Europa, reivindicam o mesmo respeito à cultura “ocidental” local como pretexto para viver separados dos imigrantes árabes, africanos e outros dos países não ocidentais.

Diferente do significado do termo raça, a definição de etnia remete para a ligação desse grupo levando em conta os costumes, dialeto, residir em uma determinada região entre outras características. “Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território” (MUNANGA, 2000, p.12).

O termo a ser usado para substituir “Raça” é “População”, cujo o significado se aplica melhor do que o primeiro. Segundo Munanga (2000, p.12) “Não podem mais, em nome da Ciência biológica atual ou da Genética humana, ser considerados como raças, mas sim como populações”. A identidade do indivíduo é um processo contínuo que jamais tem fim, feito da relação consigo mesmo e o outro. “É a partir da tomada de consciência dessas culturas de resistência que se constroem as identidades culturais enquanto processos e jamais produtos acabados” (MUNANGA, 2000, p. 14).

3 IDENTIDADE NEGRA NO MEIO UNIVERSITARIO

Espaço almejado pela a maioria dos estudantes, a universidade é um local onde se concretiza os fracassos e sucessos do Ensino Fundamental e conseqüentemente, do Ensino Médio. É muito importante salientar que a escola, lugar este onde esses estudantes são oriundos pode ser considerada um dos maiores disseminadores do racismo e preconceito.

A identidade da pessoa negra, traz do passado a negação da tradição africana, a condição de escravo e o estigma de ser um objeto de uso como instrumento de trabalho. O afro-descendente enfrenta, no presente, a constante discriminação racial, de forma aberta ou encoberto e, mesmo sob tais circunstâncias, tem a tarefa de construir um futuro promissor (FERREIRA, 2000, p. 41).

Esses dados mostram o quanto o tema é conflitante, a universidade é um meio semelhante à escola, no entanto, mostra resultados de uma base que se assemelha com uma pirâmide onde muitos entram na escola e poucos chegam a universidade. Esta por sua vez se caracteriza como um local onde saem as personalidades que irão transformar e construir o país.

É legítimo apreender o efeito desse mecanismo nos graus mais elevados da carreira escolar. Ora, vê-se nas oportunidades de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre os sujeitos das diferentes classes sociais (BOURDIEU, 1998, p.41).

Devido as desvantagens que as minorias sofrem, a universidade deve agir para integrar e para inserir essas minorias demonstrando que o fator raça é gerador de desigualdades sociais. Tendo em vista que o processo de identificação racial é conflituoso, tanto para quem se percebe negro como para os que os cercam. A educação contribui significativamente para incluir socialmente os indivíduos, as políticas não foram suficientemente eficazes ao ponto de reduzir as desigualdades educacionais entre brancos e negros.

As oportunidades educacionais contribuem, de forma decisiva, para a melhoria da qualidade de vida das pessoas e, dessa forma, o avanço no sistema educacional influencia diretamente as chances de integração do indivíduo na sociedade e sua capacidade de mobilidade ou ascensão social. A educação aparece, portanto, como uma variável crucial para transformar significativamente a situação desigual em que se encontram os indivíduos de diferentes raças (HENRIQUES, 2002, p. 15).

No entanto apesar da maioria da população brasileira ser negra, os brancos ainda dominam o Ensino Superior como mostra o censo de 2010, conforme podemos através do Censo (IBGE, 2010) considerando a faixa etária entre 15 e 24 anos, 31,1% da população branca frequentava a universidade. Em relação aos pardos e pretos, os índices são de 13,4% e 12,8%, respectivamente (IBGE, 2010).

Os opositores das cotas afirmam que deveria ser uma cota social, no entanto os dados são claros ao mostrarem que os pobres negros estão mais afastados da universidade do que os brancos pobres. Diante das dificuldades que o estudante negro sofre por todo o caminho até o Ensino Superior foram criadas ações afirmativas para buscar a inclusão de mais negros na universidade.

A desigualdade racial é detectada em todos os níveis do ensino no Brasil, dessa forma a opção de combater a discriminação e o racismo com ações punitivas não surtiram efeitos

suficientes, diante dessa reflexão, as entidades negras trabalharam em cima políticas de ações afirmativas.

No Brasil a iniciativa das ações afirmativas passou a se destacar mais no governo Fernando Henrique Cardoso (FHC). “A partir de 1996, o presidente Fernando Henrique Cardoso passou a dar mais espaço para que a demanda por ações afirmativas, formulada pelos setores mais organizados do movimento negro brasileiro, se expressasse no governo” (GUIMARÃES, 2003, p. 6).

Essas políticas são para um público específico, no entanto, é preponderante que os estudantes se identifiquem e apoiem políticas para que tenham resultados satisfatórios, um dos objetivos observados é atingir a manutenção do preconceito e da discriminação, mantidos por exemplo pela escola e a Mídia.

Onde devem cumprir com o objetivo de incluir as minorias historicamente discriminadas. O tratamento e a falta de oportunidades do negro deixaram de cair sobre a pobreza do mesmo, para dar lugar a uma questão racial.

[...] a ação afirmativa não veio somente para compensar negros pelo passado de escravidão e pelo presente da discriminação. Veio desfazer a ‘mistura racial’ para produzir só duas raças. Antes uma sociedade de classes que recusa reconhecer as identidades raciais, o Brasil é agora imaginado como uma sociedade de ‘raças’ e ‘etnias’ distintas. As políticas de ação afirmativa racial terão a consequência de estimular os pertencimentos ‘raciais’, assim fortalecendo a crença em raças (FRY, 2005, Apud MUNANGA, 2006, p. 336).

A educação é um dos principais instrumentos capazes de promover a ascensão social do negro na busca de uma maior igualdade com os brancos. Dessa forma, os legisladores auxiliados pelo movimento negro aprovaram a Lei que beneficia a esse contingente e a sociedade como um todo.

A lei 10.639 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (BRASIL, 2003, p. 1).

Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’.

Através de pesquisas encontramos o início dessas ações, conforme Marton (2012, p. 1),

As origens das ações afirmativas são dos estados unidos, em torno dos anos de 1960 como forma de promover a igualdade social entre os negros e brancos norte-americanos, tais políticas nasceram no governo do presidente John F. Kennedy.

A necessidade de passar a cultura negra ou afrodescendente no ensino básico e fundamental é primordial para que o estudante negro chegue ao Ensino Superior, com sua identidade negra baseada em conhecimentos sólidos para conseguir fazer análises e tecer críticas concretas e assim possa escolher o curso de acordo com suas verdadeiras afinidades. O estudante negro, muitas vezes é levado a escolher um curso mesmo não tendo vocação ou afinidades com a área, mas por ser considerado mais fácil por ter pouco competitividade, onde é apenado com baixos salários. Continuando com o ciclo de marginalização do ensino educacional, culminado no mercado de trabalho.

No processo de análise dos questionários, todos os participantes declararam sua etnia de acordo com o IBGE, para esta pesquisa utilizamos as cinco definições: preto, pardo, branco, amarelo e indígena.

Na observação das questões abertas às respostas se mostraram na sua maioria imprecisas, demonstrando a falta de critérios na definição racial e conhecimento sobre o assunto abordado. Tendo em vista a dificuldade em se afirmar como negro.

A faixa etária se mostrou uniforme. Vinte e dois possuem entre 16 e 25 anos, um afirmou idade entre 26 e 35 e outro entre 36 e 45 anos. Quando a pergunta se refere ao gênero e interrogado dando apenas duas alternativas masculino ou feminino devido a pesquisa ter cunho racial, dessa forma vinte e um são do sexo feminino e apenas três do sexo masculino. Identificamos a quantidade de alunos de cada gênero em cada semestre.

3.1 A CONTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA: CONTRIBUIÇÃO PARA A BIBLIOTECONOMIA

A pesquisa foi idealizada dentro do grupo N'BLAC pertencente ao curso de Biblioteconomia, que contribuiu para uma reflexão do profissional bibliotecário na atuação a favor da igualdade racial, baseado nos objetivos do projeto pedagógico (PP) do curso de Biblioteconomia que descreve que o profissional bibliotecário deve ver a diversidade da sociedade.

O que se quer enfatizar é a formação do profissional com domínio no manuseio da tecnologia sem deixar de lado a competência humana, em saber ver a diversidade da sociedade, procurando tornar a biblioteca ou unidade de informação um ambiente que seja um grande centro cultural da cidade (PROJETO PEDAGÓGICO..., 2004, p. 11).

A pesquisa mostrou que o bibliotecário deve entender e interagir nesse ambiente social em que está inserido, essa atuação faz parte do seu perfil profissional. É necessário compreender as diferentes concepções filosóficas sobre o conhecimento; entender e interagir no ambiente sócio-político econômico que está inserido (PROJETO PEDAGÓGICO..., 2004, p. 11).

Através das informações obtidas nesse trabalho percebemos a dificuldade ainda encontrada pelos estudantes de entender e enxergar a negritude. Com base nisto, a criação da Lei 10689/2003 proporciona ao bibliotecário um campo de atuação significativa, também está de acordo com o projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia quando ele diz que a “necessidade do conhecimento da realidade social, fornecendo instrumentos para o indivíduo poder construir boa convivência para si e seus semelhantes, com competência técnica pragmática e utilitária para atender uma demanda específica” (PROJETO PEDAGÓGICO..., 2004, p. 12).

Esse profissional pode e deve agir com seus conhecimentos e recursos para acolher esses estudantes e lhe mostrar a diversidade de informações sobre a cultura negra com base científica e de forma dinâmica. “O bibliotecário é um profissional da informação qualificado para interagir no processo de transferência de informação, da Geração ao uso, dos registros do conhecimento e participar da interpretação crítica da realidade social” (PROJETO PEDAGÓGICO..., 2004, p. 11).

Nesse contexto podemos entender que esta pesquisa está também ligada a interdisciplinaridade que o curso de Biblioteconomia está fundado. O Projeto Pedagógico (2004, p. 11) quando diz:

Assim, a interligação da Biblioteconomia com outras áreas do conhecimento—Comunicação, Psicologia, História, Literatura, Pedagogia, computação e outras -vem contribuir de forma determinante, para que o profissional da informação, o bibliotecário, reflita no seu fazer profissional, ações que superem a técnica, priorizando a competência humana e a capacidade intelectual, levando a situações práticas para responder desafios, com respostas críticas a questões que surgem a cada momento.

A distância dos professores e os alunos observadas nas respostas dos questionários vai ao encontro com o que diz o projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia quando destaca que o profissional bibliotecário como professor tem o dever de interagir com os alunos para desenvolver neles as características da visão crítica e pró ativa.

Outro ponto a ser cuidadosamente seguido, é o entendimento em sala de aula entre docente e discente, a história de cada um, os valores passados, as tendências, as orientações, procurando dar ao aluno uma visão crítica e pró ativa.

O foco deve ser o primeiro semestre para introduzir esse aluno no meio universitário, assim como na sociedade. O que está de acordo com os resultados obtidos na pesquisa e com o Projeto Pedagógico (2004, p. 33) quando diz:

No primeiro período, pretende-se propiciar ao aluno uma compreensão filosófica para introduzi-lo ao campo teórico da Biblioteconomia e Ciência da Informação, procurando construir um pensamento reflexivo e crítico ao conhecimento básico. 'É necessário e importante também apresentar os aspectos relativos a Epistemologia da Biblioteconomia, com o objetivo de levar o aluno a elaborar e sistematizar o conhecimento para que possa produzi-lo e se inserir no mundo universitário e na sociedade do conhecimento.

Uma boa fundamentação é um grande passo para conseguir apoiar esses alunos durante as reflexões que irão participar durante sua vida acadêmica. Ressaltando que se trata na maioria dos casos do primeiro olhar sobre a Universidade, a compreensão e a integração são muito importantes para manter esses discentes.

4 METODOLOGIA

Uma clara definição dos objetivos proporcionou uma escolha coerente da metodologia a ser empregada na coleta de dados, explicitando as técnicas a serem usadas para o conjunto

de dados coletados para este tipo de pesquisa. Mesmo reconhecendo que não há um roteiro rígido para o processo, a técnica utilizada para coleta de dados foi o questionário apoiado pela pesquisa bibliográfica. Dessa forma se caracteriza como uma pesquisa exploratória, com o auxílio de questionário com perguntas de fácil entendimento, com vocabulário acessível para alunos do segundo ao oitavo semestre.

Todos foram informados sobre o objetivo geral da pesquisa, no que tange às relações sociais, sem, contudo, ser anunciada a sua pertença racial. Apontamos no início do texto que a escolha dos respondentes ao questionário deu-se de forma que contemplasse estudantes em diversos períodos com a escolha a partir do olhar do pesquisador

Na construção do questionário tentou-se traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas. Foi levado em consideração a forma como cada um se autodenomina, houve preocupação de abordar as pessoas de modo que não se sentissem constrangidas.

Nosso interesse foi na forma como os sujeitos se identificam e se definem enquanto grupo racial ou mesmo quanto à sua individualidade. Procuramos sustentação teórica para seguir por caminhos que fossem esclarecedores. Desde o início tivemos a preocupação em fazer uma abordagem cuidadosa. Entregamos o máximo de questionários aos estudantes negros do curso de biblioteconomia com o intuito de verificar possíveis contradições assim como possíveis peculiaridades em suas afirmações em cada questão do questionário aplicado.

A pesquisa se caracteriza como exploratória, que de acordo com Gil (2002) tem como objetivo obter maior familiaridade com o problema para torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Assumindo ~~em~~ também a forma de pesquisa bibliográfica, que,

[...] trata-se do levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado, em livros, revistas, jornais, boletins, monografias, teses, dissertações, material cartográfico, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o mesmo (LAKATOS; MARCONI, 1987, p. 66).

Segundo Cervo e Bervian (1976, p. 69) “qualquer tipo de pesquisa em qualquer área do conhecimento, supõe e exige pesquisa bibliográfica prévia, quer para o levantamento da situação em questão, quer para a fundamentação teórica ou ainda para justificar os limites e contribuições da própria”. Neste sentido, Gil (2002, p. 44) ressalta que:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas

bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo.

Comprovadamente sempre existirá uma obra, ou entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com problemas semelhantes ou análise de exemplos análogos que podem estimular.

O evento que fez despertar o surgimento da pesquisa foi o III Curso Iniciativas Negras: trocando experiências, realizado pelo NBLAC. Após a ideia da pesquisa ter sido apresentada, o grupo somou forças na execução e desenvolvimento deste trabalho para descobrir as controvérsias da identidade desses alunos negros do curso de Biblioteconomia.

O grupo possuía encontros semanais onde era realizado várias atividades lúdicas para adquirir e aprofundar os conhecimentos sobre raça e gênero. Os encontros tinham a participação de estudantes de vários cursos, no entanto a maioria do curso de Biblioteconomia tendo em vista que o grupo era pertencente ao curso. Assim dentre eles foram escolhidos estudantes que formaria a equipe para aplicar os questionários essa equipe a qual era orientada pela professora coordenadora do grupo.

Nestas reuniões havia estudos e leituras sobre o tema. (~~Preparação da equipe~~): Houve uma preocupação em preparar a equipe com o intuito de definir o que significava a temática racial com o intuito de abrir suas visões do ser negro como também de torná-los mais críticos e sensíveis ao tema. Em saber ver a diversidade da sociedade. Procuramos atingir o objetivo da pesquisa como também do grupo N'BLAC o qual estávamos inseridos. As reuniões foram pautadas em explanação de textos e vídeos relevantes ao tema 'identidade negra', com troca de experiências vividas pelos participantes.

Apresentação dos primeiros tópicos da pesquisa aos futuros aplicadores do questionário: Em cima dessas diretrizes maleáveis. A criação dos tópicos do questionário é um passo importante para as outras etapas. Os objetivos da pesquisa foram esmiuçados para a equipe. Logo após foi solicitada a participação de todos na elaboração dos termos usados no questionário.

Elaboração conjunta (pesquisador e equipe) dos termos do questionário: Nesse ponto da pesquisa era necessário que todos contribuíssem ao ressaltar pontos a serem abordados na pesquisa, estavam todos cientes da natureza, da metodologia a ser aplicada para dirimir qualquer erro durante a aplicação ou análise dos dados. Contribuiu para utilizar nas suas respectivas posteriormente.

Período da pesquisa: A pesquisa foi começada a ser desenvolvida em novembro de 2011 e teve suas últimas análises até dezembro de 2013. A equipe era constituída por um homem e três mulheres mais o pesquisador-coordenador.

Aplicação Dos Questionários: Os entrevistadores que auxiliaram na pesquisa foram informados que o critério da escolha dos respondentes baseava-se na cor da pele, ou seja, apenas alunos do curso de Biblioteconomia identificados – pelos aplicadores – como negros seriam abordados para responder ao respectivo questionário. A aplicação do questionário ocorreu de forma natural no ambiente da sala de aula ou nos corredores, era feita mediante oportunidade.

O objetivo de não informar sobre a forma de escolha dos entrevistados deve-se ao fato de evitar contaminar possíveis respostas e, por conseguinte levar o respondente a identificar se socialmente de forma diversa a qual ele normalmente se posicionava.

Ou seja, alunos hetero identificados como negros poderia não se ver como tal. Como veremos adiante na análise dos dados, esta metodologia é necessária para ser eficaz mediante os objetivos propostos. Dito de outra forma, em alguns casos a auto identificação racial foi diametralmente diversa do olhar e análise dos aplicadores do questionamento.

Foram aplicados 25 questionários para obter as informações necessárias à análise da pesquisa. A escolha dos alunos que receberam os questionários deu-se por hetero identificação, ou seja, os alunos pesquisadores distribuíram os referidos questionários aos discentes, percebidos como afrodescendentes.

Cabe destacar a opção em respeitar a cor declarada pelo entrevistado. Ou seja, a declaração da cor dos estudantes registradas nessa pesquisa. O primeiro critério de seleção para responder os questionários foi a cor e estar matriculado em um dos semestres de Biblioteconomia.

Ao planejarmos o questionário procuramos incluir perguntas com função clara para que quando fossemos utilizar a sua informação, ajustássemos as perguntas para que esta não indicasse a posição ou opinião do pesquisador. Durante a criação e análise dos dados da pesquisa usamos métodos e técnicas quantitativas e qualitativas.

Na análise quantitativa, o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa, é a presença ou ausência de uma dada característica do conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração (BARDIN, 2004, p. 18).

O questionário ficou dividido entre perguntas de múltipla escolha, no entanto continham questões abertas para que o respondente pudesse complementar ou especificar com suas próprias palavras.

5 ANALISE DOS DADOS

Todos os dados foram obtidos dos questionários aplicados, que eram compostos de 21 perguntas. A seguir as análises das questões, apresentadas quando oportunamente, em tabelas. A tabela conforme o IBGE (1993, p. 9) é uma “forma não discursiva de apresentar informações, das quais o dado numérico se destaca como informação central, na sua forma identifica-se espaços e elementos”.

Tabela 1 - Quantidade de alunos negros entrevistados

Semestre	Segundo	Terceiro	Quarto	Quinto	Sétimo	Oitavo
Homem	1	0	0	0	1	1
Mulher	7	5	1	6	2	1

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

O curso de Biblioteconomia é notadamente de maioria feminina. Confirma-se a partir das respostas do questionário onde a maioria dos estudantes é do sexo feminino, posto que 22 respondentes são mulheres e apenas três homens. Fato esse já comprovado nos grupos da área, onde a maioria dos participantes é do sexo feminino, como também nos resultados de aprovação no vestibular para o curso de Biblioteconomia. Salientando que apenas um declarou pertencer ao quarto semestre.

Procuramos identificar também sua origem, tendo em vista que o meio é fator preponderante na formação identitária. Assim vinte e um possuem naturalidade cearense, um natural do Pernambuco, um natural de São Paulo e outro não declarou.

Um número considerável de estudantes, exatamente nove se declarou pretos. Catorze se identificaram como pardos e apenas um afirmou ser branco. O movimento negro e o IBGE têm tradicionalmente considerado que a população negra é o somatório das cores parda e preta. Realizar uma pesquisa para identificar a população negra em âmbito acadêmico foi extremamente desafiador.

Tabela 2 - Quantidade de alunos que se identificam negros

SEXO	Homens	Mulheres
Sim	1	16
Não	2	5

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

A tabela mostra que ainda existem controvérsias em assumir a identidade negra, observando o fato que os aplicadores dos questionários perceberam todos como negros.

Segundo Oliveira (2004, p. 1)

Assumir a identidade racial negra em um país como o Brasil é um processo extremamente difícil e doloroso, considerando-se que os modelos “bons”, “positivos” e de “sucesso” de identidades negras não são muitos e poucos divulgados e o respeito à diferença em meio à diversidade de identidades raciais/étnicas inexistente.

Vinte e dois reconheceram a existência do racismo no Brasil, um não respondeu e o último afirmou “o racismo existe por causa dos próprios negros”. Neste particular, ao responderem sobre o racismo de brancos para negros, no Brasil, e apenas um não reconheceu. Dezoito dos entrevistados afirmam a ocorrência, três responderam que sim, mas pouco e um afirmou que era “mascarado”, outro estudante respondeu “um” e o último estudante respondeu que “sim, porém disfarçado”.

Outro fator importante ocorreu quando indagamos sobre a existência de racismo de negros com brancos. Ou seja, a pergunta se inverte e desejamos saber do preconceito de negros para brancos temos então o seguinte resultado: catorze afirmaram categoricamente que negros discriminam brancos. E dez disseram de forma inconclusa, respondendo “mais ou menos”. Foi perguntado se existia brincadeiras relacionadas a cor entre os alunos;

Tabela 3 - Existência de Brincadeiras relacionadas a cor entre alunos

SEXO	Homens	Mulheres
Sim	1	5
Não	2	16

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Brincadeiras de cunho racistas são consideradas menos prejudiciais pelo fato de não serem levadas tão a sério. Mas essas mesmas piadas e apelidos perpetuam o preconceito de forma mais natural. A tabela acima mostra que elas existem tanto para homens como para mulheres. A psicóloga Nunes (2011, p. 1) afirma na sua pesquisa que,

O preconceito sutil se utiliza de brincadeiras, piadas, e apelidos que parecem “inocentes”. A sutileza racista conquista lugar no universo do lúdico, das brincadeiras e apelidos, onde tudo parece não ser tão real ou sério, apesar de serem, quando o tema é preconceito.

Dezoito responderam que não, no entanto, seis foram contrários e relataram piadas e comentários. No questionário foi perguntado sobre o conflito de brancos e negros na sala de aula. Neste quesito vinte e três responderam que não existe e um não declarou. Foi interrogado se o tema raça era abordado em sala de aula. Dezoito alunos responderam que sim e seis que não. Também foi perguntado se os professores tinham tratamento diferenciado para com os alunos, a partir da cor dos discentes.

Tabela 4 - Tratamento diferenciado por professores por causa da cor

	Homens	Mulheres
Sim	0	2
Não	3	19

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Os estudantes homens não afirmaram discriminação vinda dos professores em contra a partida duas alunas perceberam, fato que mostra a tendência para o sexo feminino. Os demais negaram essa realidade. Tais respostas pode não confirmar a ausência de conflitos. Foi perguntado se existia brincadeiras relacionadas a cor, provenientes dos funcionários; vinte e dois responderam que não e dois afirmaram que sim.

Tabela 5 - Existem Brincadeiras Relacionadas Com a Cor, Provenientes Dos Funcionários

	HOMEM	MULHER
SIM	1	1
NÃO	2	20

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Quanto a brincadeira dos funcionários para os alunos o número foi baixo, apenas dois estudantes, confirmaram a existência das brincadeiras ligas a cor de sua pele. Perguntado se a identificação racial mudou depois do ingresso na universidade: cinco responderam que sim, uma aluna relatou se identificar preta após o ingresso “sim, pois me identificava como morena e hoje sei e assumo ser negra/preta”, no entanto dezenove alunos responderam que não, uma resposta chamou atenção “Não, sempre me considerei parda, e na universidade reconheci que tenho raízes indígenas e afrodescendente”.

Esta fala evidenciam as consequências da falta do conhecimento sobre suas origens, como também o reflexo positivo que a Universidade pode e deve despertar nos seus alunos.

Interrogado como se deu este processo, se houve e quais foram às influências da família, amigos da universidade ou outros: dez alunos não responderam, cinco responderam que não tiveram nenhuma dessas influências, nove responderam que sim.

Fomos mais além e perguntamos sobre qual era a reação da família e amigos diante da sua afirmação identitária: as respostas foram diversas, os estudantes afirmaram, em sua maioria, que houve uma aceitação ou um apoio em relação à sua auto- afirmação como negro. Quatro não deram resposta, um, entretanto, relatou contrariedade em relação aos amigos “Alguns ainda sentem certo preconceito”, os demais responderam “positiva”, “normal”, “de aceitação”.

Tabela 6 - Identidade racial mudou após o ingresso à Universidade

	HOMEM	MULHER
SIM	1	4
NÃO	2	17

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Essa tabela mostra claramente que a identidade teve uma mudança significativa, mas ainda de forma tímida. A universidade não proporcionou uma influência que se destacasse de acordo com as respostas abertas dos questionários.

Foi perguntado quais as atitudes em relação à defesa da igualdade racial as respostas foram as mais diversas um respondeu que “existem coisas mais importantes para serem discutidas”. Outras responderam que não atuam, mas defendem a causa negra, apenas um relatou que não luta por essa causa embora os demais afirmem que são a favor da igualdade.

Vemos então que o olhar interpretativo sobre a realidade dos alunos a respeito dos seus professores valia da mesma forma que no momento de sua auto identificação. A identidade define-se a partir do olhar de quem a observa ou analisa.

Interessante observar que diante do olhar do pesquisador – todos com a oportunidade de ler e estudar sobre a realidade brasileira, no âmbito do N’BLAC num grupo de dezesseis professores apenas seis são negros. Ao passo que um número significativo de alunos dos oito semestres pesquisados deixou de apontar esse número.

Tabela 7 - Existência e a quantidade de professores negros no curso de Biblioteconomia

	2º semestre	3º semestre	4º semestre	5º semestre	7º semestre	8º semestre
Aluno(a)	≥ 0	1	≥ 0	≥ 0	1	3

Aluno(a)	0 <	3		1	1	5
Aluno(a)	0 <	2		3	1	
Aluno(a)	0 <	2		4		
Aluno(a)	0 <			5		
Aluno(a)	1			5		
Aluno(a)	1					
Aluno(a)	4					

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Saber definir a quantidade dos professores mostra um conhecimento e interesse prévio sobre o tema. Fato esse que ficou claro não existir de forma igualitária. Nesse período havia um total de dezesseis professores, identificados como negros por essa pesquisa, foram cinco.

Por ser um país mixigenado, afirma a existência dos negros de forma isolada mostra uma resposta superficial, sem ir mais a fundo. Fato que demonstra a falha no sistema educacional.

Tabela 8 - Existência e a quantidade de alunos negros na turma

	2º semestre	3º semestre	4º semestre	5º semestre	7º semestre	8º semestre
Aluno(a)	≥ 20	≥ 0	6	20 <	≥ 0	4
Aluno(a)	0 <	6		12	≥ 0	7
Aluno(a)	0 <	3		20	3	
Aluno(a)	0 <	1		9		
Aluno(a)	0 <			15		
Aluno(a)	3			5		
Aluno(a)	5					
Aluno(a)	8					

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Olhar para seus iguais é considerado mais fácil, no entanto a falta de semelhança nas respostas é um fato preocupante. Não sabem identificar seus próprios colegas do cotidiano, essa análise está em conformidade com a invisibilidade do negro na sociedade.

Tabela 9 - Existência e a quantidade de alunos negros no curso.

	2º semestre	3º semestre	4º semestre	5º semestre	7º semestre	8º semestre
Aluno(a)	0 <	0 <	6	0 <	3	0 <
Aluno(a)	0 <	0 <		0 <	0 <	12
Aluno(a)	0 <	0 <		0 <	20	
Aluno(a)	0 <	10 <		0 <		
Aluno(a)	0 <			40		
Aluno(a)	0 <			45		
Aluno(a)	0 <					
Aluno(a)	0 <					

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Quando ultrapassamos as barreiras e indagamos o quantitativo dos alunos negros no curso como um todo, conforme os dados analisados mostraram o resultado já esperado, as respostas se mostraram sem uniformidades. A influência da família, dos amigos e universidades nessa ordem não foram suficientes, comprovadamente pelos dados apresentados para construir a identidade dos estudantes de biblioteconomia.

Verificamos que dezessete participantes se reconhecem negros. No entanto apesar do número expresso poucos deles procuram se envolver em lutas pela causa negra, de acordo com suas próprias respostas. Com o intuito de saber a diferença da identidade atribuída dos alunos por semestre foram realizadas várias perguntas para detectar as possíveis controvérsias. A maioria dos pesquisados se declarou parda, tal afirmação se dá porque a cor pode ser concebida como mera aparência e nem sempre corresponde a origem étnica a qual o indivíduo pertence.

Não houve mudança significativa depois do ingresso na universidade pois as influências da Universidade ainda são tímidas, estão voltadas para o ingresso desses alunos negros oriundos do Ensino Médio, no entanto, sua permanência e saída do Ensino Médio ainda deixa a desejar em si tratando de estudos e investimentos nessa etapa.

Identificamos em suas declarações sobre a defesa das causas negras, pouco interesse e confusão sobre o tema exposto. Contradições quando se autodeclararam pardos, pois logo em seguida afirmavam que não eram negros, embora o IBGE afirme o contrário. Contradição ao declarar a quantidade de negros no curso tanto em relação a professores como para alunos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visão do ser negro está mudando, perdendo o significado de ser algo ruim, coisa negativa. Estudantes negros que conseguem chegar ao nível superior passam por mais dificuldades que os demais. Neste sentido, as políticas públicas são necessárias para tentar diminuir em curto prazo, embora muitos ainda não entendam como se deu e a sua importância. O foco dessa pesquisa foi o curso de Biblioteconomia da UFCA, um curso novo, assim como os demais.

Essa pesquisa se mostra importante tendo em vista que estudantes dentro do Ensino Superior afirmam ser pardos, porém não se reconhecem negros. Os estudantes negros que participaram dessa pesquisa trouxeram à luz problemas que não era visto, como detectados nas respostas obtidas, a falta de conhecimento sobre suas origens e conflitos internos.

Comprovamos também que a necessidade da Lei 10.639/2003 desde o Ensino Fundamental e Médio. Tendo em vista que os estudantes negros não reconhecem suas origens, não possuem interesse pelo assunto e não conseguem enxergar com clareza a discriminação ou mesmo o racismo. Dessa forma sem condições de se tornarem militantes de uma causa que é deles. Se ver negro não é fácil, quando o estudante negro chega no Ensino Superior continua com o mesmo fardo do preconceito e do racismo sentido nas etapas anteriores.

Os pardos ainda não se reconhecem negros devido um número expressivo, ainda acreditar que apenas a cor da sua pele os torna diferente. A influência da universidade como formadora de opinião se mostrou insuficiente para que esses alunos dessem respostas uniformes ou coerentes.

No entanto, de acordo com várias respostas percebemos uma mudança em alguns ao afirmarem que são pretos. A construção do ideal de democracia racial foi inventada para que os negros continuassem a ficar sem iniciativa de apoiar ou desenvolver atitudes para a defesa da igualdade racial.

Ao observarmos as respostas sobre quantidade de negros em cada semestre estávamos colocando em pauta como esses alunos negros se viam (identidade declarada) e como viam os outros estudantes (identidade atribuída).

Percebemos que em sua maioria a identidade que possuem desses estudantes, ainda estão se definindo enquanto negros. Detectamos que o racismo embora seja mais amplamente divulgado apenas quando se trata de brancos contra negros, um fato nos chamou atenção, um número considerado de estudantes afirmou a existência de racismo contra brancos.

O racismo ou preconceito racial foi visto dentro do ambiente acadêmico de acordo com afirmações, isso demonstra que a universidade não está imune. Ainda é preciso caminharmos para a criação de uma universidade que seja para todos, onde seus potenciais e origens sejam estimulados e defendidos independentemente da cor da sua pele ou condição social.

Podemos também salientar que não havia uma pesquisa mais ampla sobre esse tema específico na universidade como um todo, demonstrando ser necessária para verificar e salientar as condições submetidas desses estudantes.

Diante da representação construída no estado do Ceará, da não existência de população negra, a pesquisa mostra a construção da identidade como fator primordial para a valorização da cultura afro-brasileira. Deve estar sempre presente em nossas mentes que o negro não terá condições de ascender enquanto não lutar contra o preconceito e o racismo que aflige os seus semelhantes, sem se preocupar com a responsabilidade racial e política.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da Casa Civil. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/2003/L10.639.htm Acesso em: 27 jun. 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ. 9. ed. Vozes. 2007.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Almino. **Metodologia científica para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

D'ADESKY, Jacques. Fixidez e mobilidade das categorias raciais. In: _____. **Pluralismo Étnico e Multiculturalismo: racismo e anti-racismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001, p. 133-150.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção**. Rio de Janeiro: Palas; São Paulo: EDUC, 2000.

FRY, Peter. **A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 350p.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Pg 57

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria**, 2002. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/viewFile/1296/1392> Acesso em: 27 jun. 2015.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. O acesso de negros às universidades públicas. **Caderno de Pesquisa**, n. 118, p. 247-268, mar., 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16836.pdf> Acesso em: 27 jun. 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

HENRIQUES, R. **Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas na educação**. UNESCO, 2002.

IBGE. **Normas de apresentação tabular**. 3 ed. Rio De Janeiro. 1993. p. 60. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/normastabular.pdf> Acesso em: 6 jun. 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. **Identidade étnica em reconstrução: ressignificação da identidade étnica de adolescentes negros em dinâmicas de grupo na perspectiva existencial humanista**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Lutador, 2004.

MARTON, Juliana. **Lá fora:** A história das cotas raciais nos EUA. Disponível em <http://vestibular.brasilecola.com/cotas/la-fora-historia-das-cotas-raciais-nos-eua.htm> Acesso em: 27 jun. 2015.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, Cidadania e Democracia: Algumas Reflexões sobre os Discursos Anti-racistas no Brasil. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, América do Norte, 1, fev. 2006. Disponível em: <http://www.cmu.unicamp.br/seer/index.php/resgate/article/view/72/7> Acesso em: 27 jun. 2015.

_____. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB**. Niterói; EdUFF, 2004. Disponível em <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59> Acesso em: 27 jun. 2015.

_____. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto P. (Org.). **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói, RJ: EdUFF, 2000. p. 8-34.

_____. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, p. 17-24, 1996. Disponível em: <http://www.cmu.unicamp.br/seer/index.php/resgate/article/view/72/77> Acesso em: 23 abr. 2014.

NUNES, Sylvia, No Brasil, preconceito sutil é mais forte e perpetua racismo. **Sociedade**. 2011. Disponível em <http://www.usp.br/agen/?p=48558> Acesso em: 6 jun. 2013.

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Estudos avançados**, v.18 n.5 0. São Paulo, jan./abr., 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100006 Acesso em: 27 jun. 2015.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA. 2004. Disponível em: https://si3.ufc.br/sigaa/public/curso/ppp.jsf?lc=pt_BR&id=657457 Acesso em: 27 jun. 2015.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade:** o local ao global nas relações raciais, culturais e identidades negras do Brasil. EDUFBA; PALLAS. 2003.

SANT'ANA, Antônio Olímpio. História e conceitos básicos sobre racismo e seus derivados. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

SANTOS. Jorge Luís Rodrigues dos; SOUZA. Maria Elena Viana. De A(bdías) à Z(umbi): lembrando que nossa luta não começou agora, e nem termina aqui. In: GOUVÊA, Fernando, FERREIRA, César; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; SALES, Sandra Regina. (Orgs.).

Educação e relações étnico-raciais: entre diálogos contemporâneos e políticas públicas. Brasília: De Petrus et Alii, 2014. p. 165-188.

APÊNDICE



QUESTIONÁRIO

1- Qual seu Sexo: 4- Qual a sua Cor (de acordo com o IBGE):

() 1. Masculino

() 2. Feminino

2- Qual é a sua idade?

() 2. Pardo

() 1. Preto/

() 1. Entre 15 e 25 anos

() 2. Entre 26 e 35 anos

() 3. Entre 36 e 45 anos

() 4. Entre 46 e 55 anos

() 5. Entre 56 e 60 anos

() 6. Acima de 61 anos

() 99. Outra (especificar)

() 3. Branco

() 4. Amarela

() 5. Indígena /

() 6. Prefere não declarar

() 7. Outra (especificar)-----

3- Em qual país você nasceu?

() 1. Brasil – Em que estado?-----

() 99. Outro (especificar) -----

5- Você acha que existe racismo no Brasil hoje

() 1. Sim / () 2. Não

() 97. Não sei

() 98. Não respondeu

() 99. Outro (especificar)

6- Na sua opinião, os brancos têm preconceito racial em relação aos negros?

() 1. Sim / () 2. Não

() 3. Sim, mas pouco.

() 97. Não sei

() 98. Não respondeu

() 99. Outro (especificar)

7- Na sua opinião, os negros têm preconceito racial em relação aos brancos?

() 1. Sim / () 2. Não

() 3. Mais ou menos

() 97. Não sei

() 98. Não respondeu

() 99. Outro (especificar)

8 - Há algum tratamento diferenciado dos professores, de acordo com a cor?

() não

() sim - Qual? _____

15- O tema da raça é abordado nas aulas, em sala de aula?

9 - Há brincadeiras relacionadas à cor, entre os alunos? () não

() não

() sim - Qual? _____

() não

() sim – Qual _____

10 - Há brincadeiras relacionadas à cor, proveniente dos funcionários?

() não

() sim – Qual _____

12- Há professores negros (as) em seu curso?

() não

() sim – Quantos? _____

11- Há algum tipo de conflito entre brancos (as) e negros (as) em sala de aula?

() não

() sim – Quantos? _____

14- Há alunos (as) negros (as) em seu curso?

não

sim – Quantos? _____

sim – Como? _____

16- Sua identificação racial mudou depois do ingresso na Universidade?

17- Como se deu este processo, houve alguma influência da família, amigos da Universidade, ou outros?

18- Qual a reação da sua família, amigos diante da sua afirmação identitária?

19- Qual a sua atitude em relação à luta pela igualdade racial?

20 - Você se reconhece negro(a)?

não

sim – Como? _____

21 – Qual o seu curso/período ? _____

